

**LITERATURA E POLÍTICAS PÚBLICAS OU QUESTÕES DE
(RE)APRESENTAÇÃO**

**LITERATURE AND PUBLIC POLICIES OR QUESTIONS OF
(RE)PRESENTATIONS**

Carmélia Maria Aragão

Resumo: Professor Paulo Roberto Tonani (2013), ao falar da literatura produzida na periferia do Rio de Janeiro e São Paulo, destaca o trabalho de Gayatri Spivak (2010) para uma abordagem acerca dos que vivem em situação de exclusão (ou de subalternização), no caso da voz *representada* por esses autores¹. Partindo de Tonani sobre a autoridade/autenticidade e o alcance do texto marginal, retomaremos o conceito de *representação* (o ato de assumir o lugar do outro numa acepção política da palavra) e *re-apresentação* (o ato de performance ou encenação da fala) tratado por Spivak (2010) com o objetivo de pensarmos a Literatura como promotora de *espaços dialógicos* no combate à subalternização. Contextualizaremos a proposta de Spivak com o debate levantado por Martha Nussbaum (1995) sobre a importância da imaginação literária na vida pública, que traz a literatura como ferramenta principal para o desenvolvimento político e social.

Palavras-Chave: Literatura; (re) apresentação; subalternidade; espaço dialógico; imaginação.

Abstract: Paulo Roberto Tonani (2013), speaking of literature produced in the outskirts of Rio de Janeiro and São Paulo, highlights the work of Gayatri Spivak (2010) for a discussion about the representation of people living in situations of exclusion (or subordination). Starting from Tonani's discussion about "authority/authenticity" and the reach of marginal text, lies the possibility of took back the Spivak's (2010) conception of representation (the act of taking the place of the other in a political sense of the word) and re-presentation (the act of performance or staging of speech). Also, we tried to develop a contextualization between Spivak's proposal and the valorization of the literary imagination in public life made by Martha Nussbaum, taking literature as principal tool to the political and social development.

Keywords: Literature, (re)presentation; subordination; dialogic space; imagination.

Não foi somente a discussão sobre a postura do intelectual levantada por Spivak no livro (ou artigo) *Pode o subalterno falar?*(2010)², no original, *Can the subaltern speak?*

² “O artigo ‘Pode o Subalterno falar?’ , foi publicado primeiramente em 1985, no periódico *Wedge*, com subtítulo “Especulações sobre o sacrifício das viúvas”, recebeu notória repercussão, principalmente após ter sido publicado, em 1998, na coletânea de artigos intitulada *Marxism and Interpretation of Culture (...)*”. (ALMEIDA, Sandra Regina Goulart de. In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart de Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa –Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 12)

(1988), que me levou a procurá-la como teórica; a resposta que poderia advir dessa questão, fez-me refletir como pesquisadora. Quem trabalha na área de estudos culturais e pesquisa sobre minorias étnicas ou determinados grupos postos à margem já se fez essa pergunta, como também já questionou seu próprio lugar de fala ao lado dessas pessoas ou na frente da Academia. Tratarei aqui dessas questões e colocarei minhas dúvidas e propostas. Mas antes, é preciso dizer que: não, o subalterno não pode falar.

A abordagem da subalternidade foi tratada no livro a partir da questão sacrifício das viúvas na Índia, um ritual chamado *sati*. Spivak descreve duas formas de discurso criadas em torno dessas mulheres sacrificadas. O primeiro é opressão da própria tradição hindu que torna a mulher um objeto do marido. O segundo está na literatura de língua inglesa, com o olhar displicente homogeneizante acerca daqueles que não faziam parte da elite colonizadora. Os nomes das viúvas sacrificadas, muitas vezes, não eram grafados na pira do sacrifício, ou os poucos que foram, perderam-se na violência epistêmica de uma tradução suja, virando um folclore sobre seres exóticos. Para a autora, esses dois discursos formam uma parede onde se encerra o subalterno, no caso, a viúva indiana que nunca pôde reivindicar seu lugar de fala.

A partir desta ilustração, Spivak alerta para o perigo de se construir o outro e o subalterno apenas como objeto de conhecimento por parte dos intelectuais que almejam meramente falar pelo outro. Ela critica a postura do intelectual do “terceiro mundo” que recorre às matrizes teóricas, no caso, europeia e, ao fazer isso, é “cúmplice³” do discurso hegemônico, pois as estruturas de poder e opressão vão sendo apenas reproduzidas, mantendo o subalterno silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço onde possa falar, principalmente, no qual possa ser ouvido.

Antes de utilizar o exemplo do *sati*, Spivak faz uma longa crítica à matriz europeia francesa, especificamente, a Foucault e Deleuze.

Argumentarei em favor dessa conclusão considerando um texto de dois grandes expoentes dessa crítica: ‘Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze’. [...] ambos os autores ignoram sistematicamente a questão da ideologia e seu próprio envolvimento na história intelectual e econômica. (SPIVAK: 2012, 26-27).

³ “Diante da possibilidade de o intelectual ser cúmplice na persistente constituição do Outro como a sombra do Eu [*Self*], uma possibilidade de prática política para o intelectual seria por a economia sobre rasura, para perceber como o fator econômico é tão irredutível quanto reinscrito no texto social.” (SPIVAK: 2012, 59-60).

A Índia e o Brasil hoje estão juntos na classificação econômica, fazem parte do bloco dos “países emergentes” com grande potencial de consumo: os BRICS. No passado, também fomos colonizados e também sofremos perdas irreparáveis. No entanto, as consequências do colonialismo na Índia ou na China, que são culturas já estabelecidas e têm seus fundamentos baseados em várias hierarquias e tradições, ocorreram de uma forma que leva Spivak, hoje, a traçar uma linha de pensamento sociológico ou filosófico para desenvolver sua abordagem da subalternidade pertencente ao contexto que lhe cabe como hindu. No Brasil, o processo de colonização misturou de tal forma, colonizador e colonizado, a partir do extermínio das populações locais, por exemplo, e, cujas consequências, por muitas razões, não nos levaram a uma abordagem da subalternidade hoje, da mesma forma que Spivak e a crítica pós-colonial⁴.

Como falei no início, não foi somente a crítica sobre a postura do intelectual diante do Outro que me chamou no texto de Spivak, foi principalmente a distinção do termo “representação”. A autora nos traz dois sentidos dessa palavra em alemão – *Vetretung* e *Darstellung*: o primeiro, se refere ao ato de assumir o lugar do outro numa acepção política da palavra, e o segundo, a uma visão estética que prefigura o ato de performance ou encenação. Na análise de Spivak, há uma relação intrínseca entre o “falar por” e “re-presentar”, pois, em ambos os casos, a representação é um ato de fala em que há a pressuposição de um falante e de um ouvinte. Com isso, Spivak aponta para a tarefa do intelectual pós-colonial que deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele o faça, possa ser ouvido. Para ela, não se pode *falar pelo* subalterno, mas pode-se trabalhar *contra* a subalternidade.

A apresentação do professor Paulo Roberto T. do Patrocínio para o curso de doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, realizada no dia 29 de setembro de 2013, a convite do Professor Dr. Karl Erik Schollhammer, sob o título de “Como reconhecer um texto marginal ao vê-lo (ou O lugar do periférico nos estudos de literatura e cultura)”, trouxe-nos a percepção do quanto a literatura está ligada a esse trabalho de combate subalternização na criação de *espaços dialógicos*.

Ao tratar do tema “literatura marginal”, Patrocínio (2013) faz o movimento entre texto e autor. Ou seja, entre *representação* (o ato de assumir o lugar do outro numa acepção política da palavra) e *re-presentação* (o ato de performance ou encenação da fala):

⁴ Paulo Freire já fazia uma abordagem da subalternidade, na década de 70, referindo-se ao “oprimido” ou ao “desenraizado” como aqueles que não possuem nenhuma autoridade semântica.

Muitos autores marginalizados – em sua maioria negros – também têm selado a brancura das páginas com caracteres negros. São sujeitos periféricos que romperam a silenciosa posição de objeto para entrarem na cena literária utilizando a literatura enquanto veículo de um discurso formado no desejo de autoafirmação. A presença desses autores não pode ser lida como um dado isolado, mas sim como a confirmação um grupo específico que deseja se fixar no seio de uma estrutura hegemônica. (PATROCÍNIO: 2013,12)

Marcio Vidal⁵, integrante da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia) ao defender sua posição quanto ao termo “literatura periférica” também descreve a literatura, tanto a produção quanto a fruição, como espaço diálogo possível de entre periferia e centro, além da própria consciência do grupo da importância do contato com a leitura e a educação para fortalecê-los como voz e corpo na luta contra as injustiças sociais. Para ele, desde a inauguração do sarau da COOPERIFA e da edição especial da revista *Caros Amigos*, ambos em 2001, novos poetas são lançados a cada semana. Conta ainda que existiam pessoas que haviam abandonado a escola antes de participar do primeiro sarau, e hoje buscam fazer pós-graduação (como ele). Uma vez que, pelos saraus, assim como pelo HIP HOP, movimento musical porta voz da periferia, eles acreditam que é somente pela educação é que podem mudar sua situação de subalternidade.

Tanto no estudo apresentado por Patrocínio (2013) como no de Vidal (2013), percebemos como na Arte e, mais especificamente, na Literatura, os espaços dialógicos, de *representação* e *re-representação* emergem para mostrar politicamente a voz dos que estão à margem. Ambos os autores analisam e citam textos de escritores da periferia que traçaram, por meio do caminho artístico, sua identidade, seu modo de ver e viver o mundo ao redor, *redescrevendo-se*⁶. Autores como Carolina de Jesus, na década de 60, narrando a vida dos favelados em *Quarto de Despejo*. E já na década de 90, com discurso político, Paulo Lins nos apresenta *Cidade de Deus* (1997) e nos anos 2000, com uma bandeira mais própria, Sergio Vaz ou Férrez, por exemplo.

⁵ Marcio Vidal Marinho faz mestrado em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo/ USP, sob a orientação do Prof. Dr. Emerson da Cruz Inácio. A fala supracitada ocorreu no XV Congresso de Estudos Literário - Estudos Culturais e Pós-coloniais: Literatura e voz subalterna na Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. Realizado em 22 e 23 de outubro de 2013.

⁶ *Redescrição* é o termo utilizado por Richard Rorty para questionar os discursos legitimadores sobre a existência de uma forma **verdadeira** (única) de se conceber (dizer) o mundo.

No dia 8 de outubro, na abertura da Feira do livro de Frankfurt, a maior feira literária do mundo, o escritor brasileiro Luiz Ruffato chocou as autoridades locais e a delegação brasileira presente no evento com um duro discurso sobre as desigualdades do Brasil. Primeiramente, Ruffato se coloca como alguém que produz literatura na periferia do mundo, em um país cuja língua não tem grande alcance, e que, ironicamente, escreve para um número, cada vez mais, restrito de leitores dentro de seu próprio território. Depois, chama-nos a atenção para nossa incapacidade de nos colocar no lugar do outro, diz que vivemos o dilema do ser humano que é o de lidar com a dicotomia eu/outro. Uma vez que a afirmação de nossa subjetividade se verifica através do reconhecimento do outro, é a alteridade que nos confere o sentido de existir. Porém o outro é também aquele que pode nos aniquilar. E, mais à frente, no último parágrafo, o autor toca no ponto, bastante polêmico que seria o papel transformador da literatura:

Eu acredito, talvez até ingenuamente, no papel transformador da literatura. Filho de uma lavadeira analfabeta e um pipoqueiro semianalfabeto, eu mesmo pipoqueiro, caixeiro de botequim, balconista de armarinho, operário têxtil, torneiro-mecânico, gerente de lanchonete, tive meu destino modificado pelo contato, embora fortuito, com os livros. E se a leitura de um livro pode alterar o rumo da vida de uma pessoa, e sendo a sociedade feita de pessoas, então a literatura pode mudar a sociedade. Em nossos tempos, de exacerbado apego ao narcisismo e extremado culto ao individualismo, aquele que nos é estranho, e que por isso deveria nos despertar o fascínio pelo reconhecimento mútuo, mais que nunca tem sido visto como o que nos ameaça. Voltamos as costas ao outro – seja ele o imigrante, o pobre, o negro, o indígena, a mulher, o homossexual – como tentativa de nos preservar, esquecendo que assim implodimos a nossa própria condição de existir. Sucumbimos à solidão e ao egoísmo e nos negamos a nós mesmos. *Para me contrapor a isso escrevo: quero afetar o leitor, modificá-lo, para transformar o mundo. Trata-se de uma utopia, eu sei, mas me alimento de utopias.* Porque penso que o destino último de todo ser humano deveria ser unicamente esse, o de alcançar a felicidade na Terra. Aqui e agora⁷.

De origem humilde, o Ruffato, assim como Paulo Lins ou Férrez, poderia ter o mesmo destino dos que estavam com ele, o de permanecer mudo, à margem. No entanto, ele enfatiza a mudança no rumo de sua vida ao encontra-se com a Literatura. E nos conclama a Utopia, como na passagem destacada: “Para me contrapor a isso escrevo: quero afetar o leitor, modificá-lo, para transformar o mundo. Trata-se de uma utopia, eu sei, mas me alimento de utopias”.

⁷ RUFFATO, Luiz in “Discurso de abertura da Feira de Frankfurt”, 08 de outubro de 2013, acessado: <http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463,0.htm>

Essa certeza de que a partir da Literatura – ou da Arte de um modo geral –, como venho repetindo até aqui, por meio das observações de Paulo Roberto Tonani, Marcio Vidal e Luiz Ruffato, existe a possibilidade da abertura de um espaço dialógico, ou seja, do rompimento de um silêncio opressor imposto pela subalternização dos sujeitos, leva-nos a pensar em formas de estímulos constantes (políticas públicas?) à nossa capacidade de *autocriação*. E isso nos leva a crer, sim, na existência de um poder transformador. O que pode ser polemicamente frustrante e perigoso. Por quê?

Em primeiro lugar, não vamos pensar que ao entrarmos em contato com a Literatura todos seremos escritores, poetas ou filósofos e assim, construiríamos um mundo melhor. Em segundo lugar, acreditar cegamente em um “poder transformador”, nos tornaria fundamentalistas. Como se disséssemos, parodiando Augusto Matraga, que a literatura tem que mudar as pessoas nem que seja a porrete! Quer dizer, a Literatura passaria a servir a um projeto, a um único objetivo, erro comentido pelos regimes totalitários e cujas consequências são desastrosas.

Ao ler o trecho referente ao assassinato do traficante Marcio Amaro de Oliveira, o Marcinho VP, em *Cabeça de Porco* (2005), o relato indireto de Luiz Eduardo Soares nos faz também perceber a fragilidade que existe nesta relação entre Literatura e ética, desmistificando essa certeza do poder edificante da mesma:

Preso, Marcio decidiu voltar às leituras. João [Moreira Salles] lhe fornecia livros. Mostrou-se aplicado nos estudos, comentando cada texto com argúcia e entusiasmo: Machado de Assis, Lima Barreto, Sérgio Buarque de Holanda e vários outros. Por ocasião do lançamento do livro sobre sua vida [*Abusado* de Caco Barcellos], revelou a parentes e amigos os riscos que pressentia. Ele já não fazia parte do mundo ao qual era remetido pelo confinamento e pelos ardis simbólicos, dos quais era vítima e cúmplice. Temia ser assassinado não propriamente porque o livro divulgasse inconfidências que envolvem terceiros, mas pelo simples fato de ser objeto de um livro, destacando-se, diferenciando-se, ultrapassando fronteiras simbólicas que o mundo cerrado da comunidade encarcerada erguia. Essas fronteiras invisíveis eram erguidas justamente para opor-se à diferenciação individualizante — sobretudo quando ela sugerisse possibilidades de mudança e de superação do universo valorativo compartilhado pela sociedade dos apenados. Uma coisa é você converter-se à Bíblia, que é parte do código cultural dos apenados, outra coisa é furar a parede cultural com livros, que são armas poderosas e perigosas porque absolutamente inclassificáveis.

Pouco depois de 2003, Márcio foi encontrado morto numa caçamba de lixo da penitenciária em que cumpria pena. Seus livros estavam jogados sobre ele, coroados por um cartaz: “Nunca mais vai ler”.

Márcio estava proibido de mudar por uma conspiração inconsciente e tácita, que reunia os parceiros mais desiguais e insólitos. Companheiros de prisão não permitiram que ele transgredisse a única lei inviolável: não serás outro (para que eu permaneça o que sou). (SOARES: 2005,107)

Em entrevista a Marcos Carvalho Lopes (2013), Luiz Eduardo Soares responde a complexidade dessa questão feita, exatamente, acerca dessa passagem escrita sobre morte de VP e o quanto ele, cientista político, enfatiza a importância da relação do traficante com o seu *meio* antes e depois do contato mais aprofundado com os livros a partir da convivência com o João Moreira Salles. O entrevistador pergunta se Luiz Eduardo acredita na transformação através da literatura como abertura para redescrição do sujeito e complementa ainda, mais à frente, em outra questão, se até que ponto, estando o traficante em liberdade, ele manteria essa redescrição?

Luiz Eduardo acredita que independentemente das profundidades psicológicas do que se passa na alma de cada um, do Marcinho antes, do Marcinho depois, era ele mesmo, mas diferente. O fato é que o evento leitura interveio no cotidiano, nas suas relações, tornando-se um fato importante, inclusive, micro politicamente a ponto de VP, por isso, não apenas, mas também por isso, ser morto. A resposta a segunda pergunta é o que, aqui, nos faz retornar ao convite de Ruffato à Utopia:

No caso da literatura o que pesa mais num primeiro momento não é uma comunidade, uma tribo, um conjunto de relações. O que pesa mais são narrativas alternativas, são figuras imaginárias, o que está em jogo é mais a redescrição de si mesmo, né? Isso é muito raro de acontecer, e é por isso que nós temos nem base empírica para supor. Mas digamos que alguém que leia a sério Sérgio Buarque, que leia Machado de Assis, que leia os autores do modernismo, que leia Gilberto Freire e Caio Prado... que seja um sujeito situado diante de possibilidade narrativas muito diferentes, com um estoque de alternativas de compreensão e interpretação e construção de sua realidade muito diferente do sujeito que não tem acesso a esse estoque. (LOPES: 2013, 259-60)

Ou seja: o que podemos fazer é uma *aposta*⁸ na qual podemos ganhar *ou não*. Porque Literatura é arte. E como toda obra de arte, ela é uma experiência estética tanto para quem faz como para quem recebe. E, contraditoriamente, por não ter nenhum objetivo, por “não servir para nada”, que ela rompe a mecânica do cotidiano, criando espaço à contingência, para o poder da autocriação, por meio de algo que pode nos parecer banal: a imaginação.

*A política de desenvolvimento humano*⁹, segundo o próprio idealizador, Amartya Sen,

⁸ O termo *Aposta* aqui pertence ao contexto utilizado por Marcel Mauss em *Ensaio sobre a Dádiva*. Para ele sem a aposta, não existiria o dom e, portanto, não haveria sacrifício, gratuidade, generosidade e, muito menos, liberdade.

⁹ GUARÍN, Sergio. “**Reflexiones sobre indicadores de leitura**” in texto produzindo a pedido do CELALC em 04/09/2012.

foi pensada a fim de propiciar o exercício das liberdades, dando aos indivíduos a possibilidade de escolher a vida que gostaria de levar. Ou seja: uma sociedade que investe em educação, cultura, saúde, segurança, permite ao indivíduo a capacidade de pensar por si e de se empenhar por uma vida boa. E a literatura, onde apostamos nossas fichas, encontra lugar neste paradigma.

A teoria de Sen pensa a cultura de duas formas. A primeira como um setor cultural que agrupa as atividades e produtos derivados dessas atividades artísticas e criativas. Ele ressalta que a criatividade é vista como a principal alternativa para o desenvolvimento humano e social. Sem discordar da ideia dos paradigmas econômicos anteriores que valorizavam a criatividade voltada apenas para a economia e a tecnologia. A segunda forma de pensar a cultura, para ele, está sob a perspectiva socioantropológica de que a cultura não se restringe apenas a produção artística, mas representa também um conjunto de valores que estão presentes em todas as interações sociais. Quer dizer: “Toda atividade humana é a expressão de uma cultura que a atravessa e é esta que nos permite dar sentido e valor às atividades humanas em termos relativos¹⁰”.

Para Martha Nussbaum¹¹, filósofa norte-americana e companheira de Sen em sua abordagem das *capacidades*. Ela acredita que seria necessária uma lista de funcionamentos ou de propriedades essenciais que, juntamente com Sen, transformaram-se na lista das “capacidades humanas básicas” que, resumidamente, são: vida; saúde; integridade física; sentidos, imaginação e pensamento; emoções; razão prática; afiliação; outras espécies; jogo; e controle sobre o seu entorno¹².

Segundo Nussbaum investir nas humanidades é investir em seres humanos, homens e mulheres, capazes de refletir sobre seu papel como cidadão. Nussbaum aposta na imaginação como a capacidade que devemos desenvolver para criar esses indivíduos. Porque a imaginação¹³, como capacidade, move-nos a pensar a partir do lugar do outro, ajuda a sermos um leitor de vidas, compreendendo emoções, angústias, aspirações, desejos do outro em

¹⁰ Idem.

¹¹ CHAVEL, Simone. “L'utilité sociale des humanités” in <http://www.laviedesidees.fr/L-utilite-sociale-des-humanites.html>, 01/06/2013.

¹² Tradução minha de NUSSBAUM, Martha. *Las fronteras de la justicia*: consideraciones sobre la exclusión. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2007.

¹³ NUSBAUM, Martha, “La imaginación literaria en la vida pública” In *ISEGORÍA: Revista de Filosofía Moral y Política* nº 11, 1995, p.42-80.

determinadas situações. É dessa forma que podemos tirar a Literatura da esfera privada e levá-la para a esfera pública.

Portanto, ao reconhecer a imaginação como uma capacidade humana básica, deve-se trabalhar para que todos possam usufruir dela, da mesma forma que a saúde é também uma capacidade humana básica e se trabalha na implementação de políticas públicas de acesso a programas de medicina preventiva, por exemplo. No caso da imaginação são as políticas públicas de acesso ao livro, à leitura literária, a cultura, tudo que possa estimulá-la. Porque só assim poderemos ouvir vozes dissonantes como o discurso de Luiz Ruffato e a voz de tantas outras pessoas que conhecemos, que estão ao nosso lado sem tribuna, sem microfone, plateia, mas que se colocam em cena.

Referências

- CALDER, Gideon. *Rorty e a Redescoberta*. Trad. Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: UNESP, 2006.
- CHAVEL, Simone. *L'utilité sociale des humanités*. Disponível em: <http://www.laviedesidees.fr/L-utilite-sociale-des-humanites.html>. Acesso em: 01/06/2013.
- GUARÍN, Sergio. *Reflexiones sobre indicadores de leitura*. Texto escrito para do CERLALC em 04/09/2012.
- LOPES, Marcos Carvalho. *Uma defesa da poesia: poesia e autocracia na filosofia de Richard Rorty*. Rio de Janeiro: UFRJ (tese doutorado em Letras), 2013.
- MARINHO, Marcio Vidal. *A nova poesia em tempo de paz: periferia, lugar de literatura*. In texto apresentando no XV Congresso de Estudos Literário – Estudos Culturais e Pós-coloniais: Literatura e voz subalterna na Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. Realizado em 22 e 23 de outubro de 2013.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva*. Trad. Antônio Felipe Marques. Edições 70: Lisboa, 2008.
- NUSBAUM, Martha. La imaginación literaria en la vida pública. *ISEGORÍA: Revista de Filosofía Moral y Política*, nº 11, 1995, p.42-80.
- _____. *Las fronteras de la justicia: consideraciones sobre la exclusión*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2007.
- PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7 letras, FAPERJ, 2013.
- RUFFATO, Luiz. *Discurso de abertura da Feira de Frankfurt*. <http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463,0.htm> Acesso: 08 de outubro de 2013
- SOARES, Luiz Eduardo. MV BILL e ATHAYDE, Celso. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart de Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa –Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.